



O gênero dialógico no Renascimento e o diálogo *Sobre o Prazer* de Lorenzo Valla

ANA LETICIA ADAMI *

INTRODUÇÃO

O objetivo mais geral desta comunicação é apresentar um panorama do estatuto da escrita de diálogos no Renascimento, época em que, como em nenhum outro momento da história, segundo os especialistas, o gênero prosperou. Tal interesse corre na esteira de um interesse em conjunto com o Grupo de Pesquisa “República das Letras” para Estudos de Textos Renascentistas em Latim, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, com o qual colaboro. Mas o meu interesse em particular no tema advém da necessidade de se melhor compreender a escrita do diálogo *Sobre o Prazer* (*De Voluptate*) do humanista italiano Lorenzo Valla (1407-1457), tema da minha pesquisa. Desde já quero pedir desculpas pela ênfase ao caráter mais formal da obra que me dedico aqui nesta exposição, tendo deixado de lado, ao menos desta vez, o tema do “remédio”, que abriga uma discussão de caráter mais psicológico, como eu me propunha a falar de início – e que eu acho que agradaria mais ao grupo. A razão disso não foi outra senão a minha dificuldade de lidar com um tema novo e, até por isso, de condensar num tempo razoável de exposição.

O GÊNERO DIÁLOGO NO RENASCIMENTO

Uma sondagem sobre os estudos que se dirigiram a investigar o gênero diálogo por si, nos levam à conclusão de que devemos reconhecer a arte do diálogo como o gênero por excelência da Renascença e do Humanismo (HEITSCH, 2004: 10). Além disso, é também nesse período que encontramos na história da literatura ocidental os primeiros textos de alguma envergadura teórica que se propuseram a refletir sobre a escrita do gênero dialógico segundo o seu caráter formal – mais tarde, ver-se-á estudos do mesmo tipo no Romantismo (SNYDER, 1989: 1). Esses estudos datam da segunda metade do século XVI, e pra fins de ilustração, limito-me a citar apenas os primeiros: Carlo Sigonio, *De Dialogo liber* (1561); Lodovico Castelvetro, *La poética d’Aristotele vulgarizzata et sposta* (1567); Sperone

* Mestre em *Historia* pela Universidade de São Paulo, USP, Fapesp, 2010. Doutoranda em *Filosofia* pela Universidade de São Paulo, USP, Capes.



2

Speroni, *Apologia dei Dialogi* (1574); e, Torquato Tasso, *Discorso dell'Arte del Dialogo* (1585).

Não obstante isso, chama a atenção de alguns críticos a imensa lacuna que os estudiosos do Renascimento concederam ao tema, deixando de fora das principais antologias e compêndios da área os estudos acerca do “gênero diálogo”, como o atesta Dorothea Heitsch, organizadora de um dos mais importantes volumes dedicados ao tema (HEITSCH, 2004: 10)¹. Afim de dar mais credibilidade ao pedido, a autora não prescindiu da quantificação numérica, a qual, de fato, chama a atenção. Organizados geograficamente e por idiomas, em contagens realizadas por diferentes pesquisadores, contam-se 56 diálogos publicados na Inglaterra, na primeira metade do século XVI, contra outros 206 na segunda metade; na Espanha, no mesmo período, tomando-se apenas os diálogos de tipo conceitual, conta-se mais de 100 livros; na França, embora a autora não tenha encontrado nenhuma pesquisa de igual precisão, ela retoma as observações de alguns pesquisadores que afirmam ser a quantidade ali “muito elevada para não atirar a atenção” (HEITSCH, 2004: 9). Deixando de lado outros idiomas, como o português e o alemão, que sem dúvida, também apresentariam números significativos, a autora ressalta que é, contudo, na Itália, entre os séculos XV e XVI, que o diálogo “certamente ultrapassa em número, ainda que não estabelecido, todas as demais tradições culturais” (HEITSCH, 2004: 9).

“Ele não deve, portanto, ser visto como um gênero ‘menor’ – ela diz – tendo-se em conta que a maioria dentre os autores mais renomados do período fizeram uso prolífico desta forma literária” (HEITSCH, 2004: 9). Novamente, para fins de ilustração, citemos alguns dentre os mais conhecidos: Petrarca, Bruni, Valla, Alberti, Pontano, Poggio, Ficino, Maquiavel, Bembo, Erasmo, Budé, More, Vives, Hutten, Castiglione, Aretino, Speroni, Tasso, Spenser, Campanella, Bruno, Galileo, Cervantes, Hobbes e muitos outros (HEITSCH, 2004: 9). Desse modo, os estudiosos nos levam à conclusão de que é na Renascença que o diálogo enquanto gênero “universalmente triunfou” (HEITSCH, 2004: 9).

Não importa o interesse ou o campo de estudos, um número incontável de autores parece ter encontrado nesta forma, que procura imitar pela palavra escrita o tom coloquial e a divagação próprias de uma conversa, o meio mais apropriado de reprodução de suas ideias. Tão difusa e vária foi a sua aplicação durante a Renascença, que pode-se atribuir a ele um

¹ A data de publicação do trabalho de Dorothea Heitsch indica tratar-se de um estudo recente, e portanto, reforça ainda mais o apelo da estudiosa.

3

aspecto fundacional e, ao mesmo tempo, inovador da vida intelectual do período, como pondera a pesquisadora (HEITSCH, 2004: 9).

Jon Snyder, responsável pelo primeiro estudo contemporâneo dedicado à definição da escrita de diálogo no Renascimento segundo o ponto de vista daqueles primeiros humanistas do *Cinquecento*, identifica diferentes tipos de diálogos e estilos produzidos, os quais descreve como: o tipo “lisonjeiro” ou “cortês” (*courtly*), os “satíricos” (*satiric*), os “expositivos” (*expository prose*) e os “didáticos” (*didatic*), para citar apenas aqueles que o autor considera de maior relevo. Contudo, é o tipo que ele chama de “filosófico” o que de longe mais se destacou (SNYDER, 1989: 6). Ele os situa na esteira dos diálogos de Cícero e Platão, que lhes serviram de modelo, visto que aí, a “arte da conversação como arte do pensamento foi desenvolvida ao máximo grau” (SNYDER, 1989: 6). É consenso, vale dizer, entre os estudiosos, que esses dois, junto a Luciano, tenham sido os principais modelos clássicos objeto de imitação pelos humanistas.

Sobre esse aspecto, penso ser proveitoso citar aqui uma passagem do próêmio ao diálogo *Sobre o Livre-Arbítrio* de Lorenzo Valla (1439), em que nos fala do porquê de sua opção em seguir o modelo do diálogo *Laélio ou Da Amizade* de Cícero:

Eu reproduzirei esta discussão (disputatio) palavra por palavra (...), apresentando-a diretamente e não sob forma de uma narrativa a fim de evitar os tão frequentes cortes “eu disse” e “ele disse”. (13) É isso o que pretendia Cícero¹, o gênio imortal, na obra Laelius. Pois, se um autor reproduz uma discussão sustentada por outros, e não por ele, como poderá aí inserir um “eu disse”? (14) Esse é o caso do Laelius, em que a discussão (disputatio) se desenvolve entre este e seus dois genros, Frannius e Scaevola. Ela é contada para este último, e Cícero é apenas um ouvinte com alguns amigos. Nesta época, como era natural, ele não teria tido audácia suficiente para discutir com Scaevola e conversar (colloqui) com ele, pois Scaevola impunha grande respeito, seja por sua idade ou dignidade (VALLA, 1983: 27-28)².

A referência a Cícero como “gênio imortal” não deixa dúvidas da importância que o humanista confere ao legado do estadista romano. No que diz respeito a Platão, o humanista também lhe reserva lugar privilegiado, colocando-o acima da autoridade de Aristóteles. O filósofo, discípulo de Platão, é alvo de inúmeras críticas da parte do humanista, e em

² Cic., *De Amicitia* I, 3. Os “eu disse” que Cícero fez desaparecer são os de Scaevola, não os do próprio Cícero.



4

diferentes lugares. Vejamos o que ele nos diz de ambos no diálogo *Sobre o Prazer* (1431), que precedeu ao diálogo *Sobre o Livre-arbítrio*:

Nós não nos dispomos apenas da autoridade de Aristóteles, mas de uma ainda maior, a de Platão, que, em minha opinião, sempre foi e deve ser a de maior valor (VALLA, 2010: 208).

A preferência por Platão, em contraste à repulsa pelo estagirita, quase como se os filósofos formassem juntos um par de opostos, como “duas faces de uma mesma moeda”, pode ser entendida como resultado do apelo que a arte retórica adquire contra a dialética no ensino universitário na Renascença.

DIALÉTICA VERSUS RETORICA

De modo geral, o desenvolvimento do gênero diálogo no Renascimento tem sido interpretado como uma reação “quase natural” contra a acentuada especialização que a introdução do essencialismo aristotélico por mestres Abelardo e Gilberto de la Porrée (ALESSIO, 2002: 574) produziu no sistema de ensino de final da Idade Média. A mudança, que resultou no desmembramento da arte retórica em duas artes mutualmente excludentes – a Dialética e a Retórica (RIGOLOTTI, 2004: 4) – sofreu forte oposição da parte dos humanistas, que viram no primado da Dialética uma subserviência do pensamento (ou da ciência) às categorias escolásticas. O método de perguntas e respostas nos moldes da lógica de Aristóteles havia se tornado o método universal por excelência para leitura e interpretação de textos, bem como na demonstração dos autos de fé.

Segundo Valla, militante obstinado da causa da Retórica, era a Dialética que deveria ser reduzida a uma das partes da Retórica, a “invenção”, sendo, desse modo, reconduzida ao seu lugar original. Para o humanista, antes que os filósofos (que ensinam a arte dialética) se apoderassem da prelácia das ciências, era aos oradores que cabia tal dignidade. Assim ele nos diz no seu diálogo *Do Prazer*:

Pois, se investigarmos nosso passado, veremos que os oradores já falavam no meio das cidades sobre os mais excelentes e importantes assuntos muito antes que os filósofos começassem a tagarelar pelos cantos; e, mesmo em nossos tempos, ainda

que os filósofos se digam reitores dos outros, contudo, os oradores, como a realidade ensina, é que devem ser chamados reitores dos outros e até mesmo príncipes (VALLA, 2010: 81).

A campanha do autor consistia em restituir à retórica um patrimônio que lhe havia sido roubado (SANTOS, 2001: 187). Essa “viragem para a retórica”, como se diz, não tivera em Valla seu único representante, mas ela é fruto de um processo que já se anunciava desde a primeira geração de humanistas, com Petrarca, Salutati e Bruni (SANTOS, 2001: 172). No que concerne ao nosso ponto de interesse, que é a escrita do diálogo no Renascimento, a tendência mais geral do humanismo de subordinar a Dialética à Retórica revela não apenas uma maior valorização da expressão linguística do pensamento, como também uma preocupação com sua dimensão prática, bem como sua eficácia na definição dos rumos da vida cidadina (SANTOS, 2001: 176). A arte da retórica era considerada pelos humanistas como a *sciencia civilis* por excelência, “abrangendo todos aspectos da vida humana”. (SANTOS, 2001: 181). Uma atitude que por si só manifestava a desobediência dos humanistas frente a autoridade de Aristóteles. Este situava a retórica apenas como parte, ainda que “nobilíssima, da ciência civil”. Contrariando essa afirmação, Jorge de Trebizonda³ dizia que na verdade era esta [a ciência civil] que por aquela [a retórica] devia ser “englobada e vigiada” (SANTOS, 2001: 181). Valla, no *Do Prazer*, ao evocar os versos de Eurípides⁴, chama a retórica de “Rainha de todas as coisas”, reservando à filosofia o papel de “soldado ou tribuno sob suas ordens” (VALLA, 2010: 81).

Neste que é o seu diálogo de estreia, Valla procura dar ênfase ao poder transformador da linguagem pelo uso consciente das ferramentais que sua arte, a Retórica pode oferecer. Invadindo um campo de disputa tradicionalmente próprio à sua adversária “Filosofia”, o jovem humanista propõe-se a tratar do tema do supremo bem (*summo bono*), colocando lado a lado, em disputa, as teorias estoicas, epicuristas e cristãs. Sabendo-se ingressante em território alheio e sem ser convidado, o autor não se exime de recorrer à modéstia no proêmio de abertura a fim de, seguindo o preceito ciceroniano, fazer valer a *capitatio benevolentia* dos seus leitores. Vejamos o que ele nos diz:

Mas não é meu propósito aqui falar de religião, já que outros, especialmente

³ “O Trapezuntius” (1395-1486), filósofo humanista, pioneiro do Renascimento italiano.

⁴ Hécuba, v.816.

Lactância e Agostinho, trataram disso o bastante e perfeitamente (...) Fui arrebatado pelo desejo de lidar, o quanto for humanamente possível, com as verdadeiras virtudes através das quais nós atingimos o verdadeiro bem. Mas quê? Acaso esses dois que acabo de mencionar não trataram abundantemente desse assunto? Certamente, ao menos é essa a minha opinião. No entanto, o que podemos fazer diante daquelas pessoas perversas, que dão as costas ao assunto, resistem a provas evidentes e não se deixam arrebatados pela verdade? O quê fazer? (...) Mas eu prefiro imitar os médicos que quando veem seus doentes rejeitarem remédios que melhorariam a sua saúde, não os forçam a tomá-los mas lhes oferecem outros de aspecto menos repulsivo (...) Este é o método que decidi seguir” (VALLA, 2010: 58).

Esta passagem nos permite ver com certa clareza que o autor há em programa na condução das disputas filosóficas um novo “método” de ensino, que se promete “menos repulsivo” e, quiçá, mais efetivo e comovente. Nesse sentido, o diálogo ao estilo ciceroniano ou platônico mantém a preferência, ainda que sofra ajustes. Frente à controvérsia da Retórica e da Filosofia, ele demonstra sua excelente destreza em deslizar com facilidade por entre o espaço que as separa e distancia (HEITSCH, 2004: 11). De modo proporcional, à medida que a retórica assiste ao crescente desenvolvimento de sua função como a principal ferramenta de investigação filosófica, como afirma François Rigolot (RIGOLOT, 2004: 4), o gênero dialógico assume a liderança na predileção pelos mais variados temas na Renascença.

CENÁRIO DOS DIÁLOGOS

Essa situação do diálogo requer igualmente um cenário adequado que abrigue conversas tão particulares desenroladas entre homens de igual dignidade, num ambiente amistoso e provinciano. Não é pouco incomum que esses diálogos ocorram, ao menos nalgum momento, em propriedades do campo, ao longo de banquetes acolhidos em agradáveis tardes de sol, esticadas, às vezes, a sucessivos dias. A liberdade que esse gênero almeja nada tem a ver com a disputa acadêmica *in untramque partem* ou, como afirma Rigolot, “aquele desengajamento intelectual mais atado ao ceticismo tradicional” (RIGOLOT, 2004: 8). Aqui, as personagens, sempre “reais”, são membros selecionados de uma mesma aristocracia, “unidos por uma educação comum, objetivos semelhantes e amizade” (RIGOLOT, 2004: 8).

Na obra de Valla que temos nos centrado, o diálogo se inicia sob a sombra de um pórtico no interior da Cúria Romana, num dia de festa, sem expediente, em que se encontram eminentes figuras do círculo romano e florentino; entre elas, temos o chanceler de Florença, Leonardo Bruni; o famoso poeta satírico, Antonio Beccadelli; Antonio da Rho, teólogo e professor de retórica; Giovanni Marco, médico e humanista; Guarino de Verona, orador; e Antonio Bossio, de quem o próprio Valla era tutor. A introdução que o autor faz aos amigos é prova da atmosfera amigável que aguarda o leitor do diálogo. Ele diz:

Se posso dizer algo sobre eles, Bruni é de fato um homem que não devemos hesitar em colocá-lo na mesma sala entre os mais antigos e eloquentes homens de leis; além disso, é um orador suave, abundante e solene. Ao passo que Guarino, quando o ouvimos, não sabemos dizer se ele fala melhor o grego ou o latim; ele é certamente um grande retórico e excelente orador e, junto a isso, professor de excelentes retóricos e oradores (VALLA, 2010: 64).

No entanto, como poderá alcançar aquela liberalidade de discurso tão desejada, se a disputa posta agora em convívio tão pacífico tende a perder o aspecto vibrante das contendas públicas? Não nos enganemos. Ao contrário, sem dirimir o calor da controvérsia, as personagens do diálogo expõe seus pensamentos sem o menor receio de ofender a seus interlocutores, podendo até mesmo zombar deles. É o que se passa com Catão ao ter o seu nome satirizado com sutil trocadilho, no momento em que chegava de encontro aos colegas reunidos. É ele quem primeiro os saúda:

- Mas por que interrompestes a conversa iniciada? Acaso trata-se do “lobo” das fábulas?
- Na verdade não um lobo (lupus) mas um (catus) gato - retrucou Bernerio.
(VALLA, 2010: 64).

Assim como o “lobo” (*lupus*) da fábula, “catus”, em latim pós-clássico, se refere a uma pessoa sagaz, em alusão ao nome e à pessoa de Catão.

CONCLUSÃO: UM PASSEIO PELO JARDIM



8

Entre todas as formas que poderia escolher, Valla eleje o diálogo porque ele melhor se adapta ao programa que se dedica a seguir rigorosamente: “deleitar e instruir” (VALLA, 2010: 197), segundo a máxima de Horácio *delectandoque monendo*⁵. Desse modo, pode falar livremente (*libere loqui*) “acerca das doutrinas dos diferentes filósofos (estoicos, cristãos e epicuristas) sem ter de prestar juramento a nenhuma seita” (SANTOS, 2001: 187) – uma atitude mais livre que o modelo ciceroniano. Um século mais tarde, essa característica dos diálogos seria registrada na *Apologia* de Speroni pela ideia de “un giardino dilettevole”, cujos caminhos “labirínticos” contentam o leitor, seja pela “diversidade seja pela novidade dos argumentos” (RIGOLOT, 2004: 8). Uma alternativa, acrescentava, o humanista italiano, “contra a utilidade racional e direta” geralmente associada ao modo de discurso aristotélico, “estrada áspera e severa” ((RIGOLOT, 2004: 8).

O mesmo expediente é seguido por Valla, que transporta seus convivas da Cúria Romana para os jardins da casa do poeta Antonio Beccadelli, o epicurista, a fim de que encerrem a discussão e brindem ao prazer enquanto se banqueteam. Ali não são guarnecidos de pouco vinho, graças à adega recheada da casa do conviva em um fim de tarde nos arredores da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSIO, Franco. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval (Vol. II)*, verbete “Universidade”, p. 574. LE GOOF, J. e SCHIMITT, J. C. (orgs.) São Paulo: EDUSC, Imprensa Oficial, 2002.

HEITSCH, Dorothea.; VALLÉE, Jean-François. *Printed Voices: the Renaissance Culture of Dialogue*. Canada: University of Toronto Press, 2004.

RIGOLOT, François. “Problematizing Renaissance Exemplarity: the inward turn of dialogue from Petrarch to Montaigne”. In. HEITSCH; VALLÉE. *Printed Voices: the Renaissance Culture of Dialogue*. Canada: University of Toronto Press, 2004.

⁵ *Arte Poética*, v.345.



9

SNYDER, Jon. *Writing the Scene of Speaking: theories of dialogue in the late Italian Renaissance*. California: Standford UP, 1989.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. *Viragem para a Retórica e Conflito entre Filosofia e Retórica no pensamento dos séculos XV e XVI*. In: *Philosophica*, 17/18, Lisboa, 2001, p.171-236.

VALLA, Lorenzo. *Dialogue sur le Libre - Arbitre (De libero Arbitrio)*, édition critique par Jacques Chomarat, Paris, Librairie Philosophique, Textes et documents de la Renaissance, 1983.

VALLA, L. *Do prazer (De Voluptate)*. In: ADAMI, Ana Letícia. *O De Voluptate de Lorenzo Valla: tradução e notas*, 2010. Dissertação (Mestrado em História), FFLCH, USP, São Paulo, 2010.
